

DIÁLOGO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES: COMO (RE)VER OS ESPAÇOS LÚDICOS ESCOLARES?

Aline Tschöke
Lorena Lourdes Paoloni
Mariana Maranhão
Pedro Vinícius Brauza Ramos
Rafael Gonçalves da Luz
Simone Rechia
Talita Stresser de Assis
Thais Gomes Tardivo
Vanessa Mathias Friedrichsen

RESUMO

Esse trabalho tematiza os espaços lúdicos inseridos no ambiente escolar. Busca-se responder quais são as características percebidas na organização dos espaços lúdicos escolares e até que ponto essa organização “estrutural” favorece diversificadas formas de apropriação, na visão de alunos e professores de uma escola pública localizada em Curitiba- Paraná. A metodologia utilizada baseia-se na análise cultural proposta por Geertz. Conclui-se que os espaços analisados possuem uma manutenção deficitária, fato que limita na perspectiva dos professores algumas formas de apropriação em detrimento da segurança, porém questões essas superadas segundo os alunos pela vontade de brincar.

Palavras chave: apropriação, espaço e equipamento, lúdico, escola.

ABSTRACT

This study analyses the ludic space/equipments in school's environment.

Search is an answer the questions what are the characteristics perceived in organization of the ludic space/equipments and how can provide diversified forms of appropriation, in the vision of teachers and students at a public school located in Curitiba-PR. Supported in a qualitative research of an cultural analyses. We conclude that the analysed space/equipments has the maintenance deficitaria, that limit in teacher's perspective same forms of appropriation for safety, but these issues are resolved by the students the desire to play.

Key-words: appropriation, space/equipment, ludic, school.

RESUMEN

Este estudio analiza las formas de apropiación de los espacios lúdicos en el ambiente escolar. Tratar de responder las características percibidas en la organización del espacio jugar y en qué medida esta organización "estructural" posibilitan diversas formas de crédito a la vista de los estudiantes y profesores de la escuela pública, situada en la Curitiba-PR. Apoyado en la analiza cultura. Es que la zona de estudio tienen un déficit de mantenimiento, lo que limita la perspectiva de los profesores algunas formas de

crédito em detrimento de la seguridad, pero estas cuestiones resueltas por los estudiantes el deseo de jugar.

Palabras clave: Apropiação, Espaço/ Equipamiento, Lúdico, Escuela.

INTRODUÇÃO

Durante as pesquisas realizadas pelo GEPEC¹/UFPR, surgiram inúmeras questões interessantes acerca da temática sobre o planejamento e apropriação de espaços e equipamentos de esporte e lazer das cidades. Pela diversidade dos projetos de pesquisa e extensão em desenvolvimento nesse grupo, percebe-se que nosso objetivo maior é investigar como as pessoas experienciam a dimensão lúdica em diferentes ambientes urbanos, ou seja, na rua, no parque, na praça, na escola, no trabalho. Para esse trabalho, elegemos discutir os dados de pesquisa relacionados aos espaços inseridos no ambiente escolar, resultantes de estratégias metodológicas realizadas com alunos e professores de uma escola pública, localizada na cidade de Curitiba - PR.

Para a sistematização desse texto, partimos de duas questões norteadoras e complementares, são elas: Quais são as características percebidas na organização dos espaços lúdicos escolares e até que ponto essa organização “estrutural” favorece diversificadas formas de apropriação, na visão de alunos e professores?

Para refletir sobre essas questões, faz-se necessário primeiramente investigar qual a finalidade dos espaços lúdicos da escola, a partir da observação de sua estrutura física. Em seguida, observar como ocorre a apropriação desses ambientes, identificando pontos de convergência e divergência, entre os anseios dos alunos, a percepção dos professores e a gestão da escola.

Portanto, o interesse do GEPEC é apontar as problemáticas do planejamento de espaços e equipamentos de esporte e lazer, as quais inibem a potencialização da ação lúdica², compreendida como essencial para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Pretende-se também ressaltar a grave situação vivenciada nas cidades, referente à raridade e à desvalorização de espaços públicos destinados às experiências no âmbito do lazer, em detrimento da valorização de espaços privados, os quais atendem com mais ênfase os interesses da indústria cultural. Fato este complementado com a afirmação de Huzinga, a qual diz que “...o elemento lúdico da cultura se encontra em decadência

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade, localizado no Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná, que desenvolve as seguintes pesquisas: “Análise dos Espaços e Equipamentos de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, a qual faz parte do Projeto “Diagnóstico das políticas públicas de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, em andamento desde 2005 com a implantação do Programa Rede Cedes na UFPR/DEF(financiado e gerenciado pela Secretaria Nacional do Esporte e do Lazer, SNDEL, do Ministério do Esporte); Projeto “Univer-cidade: Um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando, também financiado pela SNDEL através do Programa de Esporte, Lazer na Cidade (PELC); Projeto “A escola e os espaços lúdicos” (financiado pela Pró-Reitoria de Graduação); Projeto de Extensão intitulado “Univer-cidade: Um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando” (financiado pela Pró-Reitoria de Extensão); Projeto SESI/CEPELS intitulado “ Análise sobre os espaços e equipamentos de esporte e lazer das indústrias do Paraná”,

² Segundo Santín (2001, p.24) “não se pode dizer que existem atividades lúdicas, pois não são as atividades, mas sim os valores vividos e realizados por aquele que brinca que torna lúdica uma ação”, sendo assim a ação lúdica e composta pela capacidade de simbolizar e criar, pelo sentido de liberdade e gratuidade.

desde o século XVIII, época em que florescia plenamente”... (2001, p.229), podendo esta perspectiva ser relacionada à nova forma de viver nesse cotidiano típico da modernidade, que valoriza mais as atividades ditas produtivas no sentido capitalista, do que as ações lúdicas.

Nesse sentido, nossos estudos pretendem mostrar que uma das características mais interessantes dos ambientes públicos, dentre eles a escola, é a possibilidade de tornarem-se lugares a partir dos sentidos e significados a eles atribuídos, pois se mostram como expressão da vida coletiva de uma sociedade e revelam possíveis alternativas para uma retomada do lúdico ainda que no meio urbano.

Acredita-se que alguns resultados de nossas pesquisas podem colaborar com o debate referente à temática, gerando reflexões sobre os espaços públicos de Lazer, fornecendo subsídios para políticas públicas que concretamente favoreçam à diferentes segmentos populacionais, a partir da relação entre planejamento, gestão e apropriação do espaço, além de apontar a necessidade de fazer da escola um espaço de exercício político, aonde todos devem ser ouvidos (alunos, funcionários, professores). Dessa forma, pode se evitar o já aparente descompasso entre o que a escola oferece e o que os alunos e professores gostariam que tivesse. Segundo Puig (2008, p.91), para que espaços e/ou equipamentos públicos sejam introduzidos no modo de vida das pessoas coletivamente, faz-se necessário que a pessoa individualmente e o grupo social a qual pertence dê sentido a determinados espaços físicos destinados à praticas diversificadas no âmbito da ludicidade. Para a referida autora, “por mais útil que seja na mente de alguém que os idealizou, esses espaços não conseguirão integrar as pessoas por si só (...) é preciso que estejam associados a seu modo de perceber, entender, interpretar e utilizar individual e coletivamente os ambientes”. Portanto, faz-se necessário que os sujeitos criem redes de sociabilidades entre si e a partir delas dêem sentido e significado aos espaços constituídos. Dessa maneira, tem de haver uma coincidência entre as percepções das pessoas que usam os espaços e as intenções de quem os idealizou e de quem os mantém.

Para tais análises, as pesquisas desenvolvidas em nosso grupo são de cunho qualitativo, e buscam fundamentar-se na análise cultural proposta por Geertz (1989), a qual tem suas bases apoiadas na etnografia. Para tanto, usamos como ferramentas metodológicas a descrição densa dos espaços lúdicos da escola, a partir de um protocolo investigativo, desenvolvido pelo próprio grupo, o qual se complementa com imagens fotográficas; filmagens; entrevistas semi-estruturadas; observações³ do cotidiano do recreio escolar, com registros em diário de campo, tendo ainda intervenções pedagógicas com a comunidade escolar⁴. Diante disso, nosso objetivo é abrir um leque de possibilidades investigativas, visando interpretações seguras da realidade observada.

³ Os espaços lúdicos nesta escola foram observados três dias, durante o período do recreio, por seis pesquisadores isoladamente.

⁴ A intervenção pedagógica com alunos da escola teve duração de três horas, contando com 24 crianças, sendo 11 meninos e 13 meninas. As atividades realizadas (1) “Terremoto”, na qual as crianças após uma atividade historiada teriam que “salvar” o espaço da escola que mais gostavam. (2) Desenhos: um sobre qual a brincadeira que eles gostam de brincar na escola, outro com o que eles não gostam de brincar e por fim um com o que eles gostariam de brincar. A entrega e conversa sobre os desenhos se deu para dois personagens, sendo uma “fada”, para qual seriam entregues os desenhos que as crianças gostam e gostariam de brincar; e a outra intitulada “bruxa”, para qual seriam entregues os desenhos que não gostam de brincar. Já a intervenção com as professoras foi composta por dinâmicas para o reconhecimento dos espaços buscando tematizar possíveis questões a serem discutidas, análise comparativa baseada nos dados apresentados pelo projeto sobre outras escolas, identificação dos anseios dos alunos através da análise dos desenhos deles, elaboração de diretrizes para potencializar os espaços lúdicos da escola.

A seleção da escola a ser pesquisada, considerou o fato de que esta atendeu ao maior número de critérios⁵ previamente estabelecidos, sendo ainda que esta escola pública localizada na cidade de Curitiba-PR contemplara a Educação Infantil (Jardim I e II) e o 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, somando um total de 308 alunos atendidos.

Tendo-se em mente os aspectos acima relacionados, o texto segue com as reflexões de três categorias relacionadas aos espaços lúdicos da escola, sendo as tais o espaço pátio, o playground⁶ e a quadra.

O TRADICIONAL E O NOVO PÁTIO: COMO DIALOGAR?

O espaço do pátio na escola pesquisada é composto por algumas áreas distintas, sendo estas: uma área coberta, com solo calçado apresentando desníveis, degraus e algumas pinturas inspiradas em brincadeiras populares (amarelinha, xadrez, etc), além de bebedouros e bancos; uma cancha de areia, delimitada por uma margem feita de concreto contendo em seu interior além da areia pedaços de pedras e sujeiras; e uma área rodeada por árvores tendo o solo misto de grama e barro, apresentando também muitos desníveis.

A partir das observações realizadas, percebeu-se que o pátio, destacando-se a área coberta, é um local de intensa socialização, pois é neste espaço onde acontecem as mais diversas formas de brincadeiras e diálogos entre as crianças. Assim, tal espaço corresponde à maior área apropriada em relação à ação lúdica. Observou-se também que a cancha de areia e a área verde são espaços relevantes da escola por contribuírem para a conexão entre a criança e os materiais naturais e/ou simples. Um exemplo disso são os pneus coloridos que existem ao lado da área verde. Eles têm como função a contenção da grama e da terra para a área da quadra, no entanto as crianças brincam como se fossem camas elásticas, adaptando o local para sua apropriação. Dessa forma, os materiais naturais e/ou simples possibilitam a criança deixar sua imaginação fluir, diferentemente dos brinquedos que se apresentam “prontos para brincar”, com um objetivo pré-estabelecido. Isso é explicado por Benjamin (2002, p.93), “pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva”. Tratando ainda dos diferentes materiais utilizados nessas áreas do pátio, ressalta-se que de acordo com Benjamin (2002), estes são os materiais ideais para a criança brincar, pois, mediante isso, ela faz construções sofisticadas da realidade e desenvolve seu potencial criativo, transformando a função dos objetos para atender seus desejos.

Dentre os principais anseios das crianças, quando perguntadas sobre as impressões do ambiente, destaca-se o desejo de: (a) ter uma pista de skate e (b) ter permissão para brincar nas árvores que circundam esse espaço.

⁵ Esses critérios foram estabelecidos através da pesquisa qualitativa, que mapeou e analisou de forma comparativa 21 escolas da cidade de Curitiba, levando em consideração: quantidade de espaços lúdicos encontrados na instituição; inovação no design dos espaços e equipamentos; utilização de materiais naturais e alternativos no espaço/equipamento; design do espaço/equipamento proporcionando ampla experiência lúdica dos alunos; condições de uso do espaço/equipamento, colocando em foco a segurança, a manutenção e a limpeza.

⁶ Optou-se em manter a palavra da língua inglesa *playground*, por não termos encontrado na literatura existente um termo adequado para tal.

Com referencia a pista de skate, constatou-se que as crianças têm a tendência de optar pelos brinquedos mais “atuais” e isso poderia estar sendo influenciado pela ação da indústria cultural. Portanto, percebe-se, uma mudança nas características culturais das crianças, influenciadas pela imposição de modismos, os quais produzem uma enorme quantidade de produtos destinados ao consumo de equipamentos industrializados. De acordo com Steinberg (1997, p.102), os artefatos culturais entendidos como pedagogias culturais, constituem novos espaços de aprendizagens, não se limitando somente aos espaços formais, como a escola tradicional está organizada, mas introduzindo as novas tendências experienciadas nos espaços informais. Essas pedagogias são caracterizadas pelo conceito de “Kindercultura” que seria uma cultura enraizada no prazer, produzida por grandes corporações com um alto poder econômico que viabilizam formas e maneiras, particulares e hegemônicas de ser criança.

No que tange ao desejo de permissão para brincar nas árvores, o acesso é restrito de acordo com as professoras, devido à falta de segurança que existe nessa área. Assim, infere-se que a escola inibe a possibilidade dos alunos de um contato mais harmônico com a natureza priorizando a segurança. Em outro estudo⁷ realizado, identificamos o predomínio dos ambientes naturais com apelo estético, constituindo-se apenas como cenários. Dessa forma, apontamos a necessidade de conservação dessas áreas verdes compostas por árvores e solo natural no ambiente escolar, tanto quanto o acesso às mesmas, de forma que estas possibilitem vivências do lúdico.

Acredita-se, portanto, que se a escola conservasse os espaços, em detrimento da segurança, constituídos de materiais naturais e/ou simples (grama, areia, arvores) já disponibilizados para os alunos durante o horário de recreio, haveria uma maior potencialização da ação lúdica no pátio. Entretanto, há um descompasso entre a opinião dos alunos e professores, pois quando realizada a mesma pergunta aos docentes, esses responderam que o pátio necessita de uma maior atenção, ressaltando a questão da manutenção. Acreditam que o estado da mesma pode dificultar ou até desestimular a apropriação por parte dos alunos. Dentre os problemas encontrados, foram citadas a falta de pintura na área coberta, bem como alambrados pontiagudos e pedras na cancha de areia. Na área verde, ressaltam que o terreno é irregular, há pouca grama e raízes aparentes. Nesse sentido, essas características relacionadas à manutenção deficitária, segundo os professores colocam em risco a segurança dos alunos. Observou-se assim, que enquanto os alunos anseiam por novas aventuras, os professores solicitam mais segurança.

PLAYGROUND: É POSSIVEL CONECTAR LIBERDADE COM “MÁXIMA” SEGURANÇA?

Infere-se a respeito do *playground*, que este é o único espaço, dentro do ambiente escolar, planejado para a vivência do lúdico e da alegria. Observou-se a presença de equipamentos tradicionais⁸, mas nada de novo em design, ou seja, não há a presença de um diferencial. Em relação ao solo, este é irregular, composto por areia, pedras e grama. Constatou-se que o espaço possui pouca manutenção, pequena

⁷ Mais informações sobre áreas verdes no ambiente escolar consultar TSCHOKE, Aline et all, Área verde na escola: paisagem ou espaço para vivencia do lúdico. In: XX Encontro nacional de Recreação e lazer, 2008, São Paulo. Anais do XX Encontro nacional de recreação e lazer, 2008.

⁸ Equipamento padronizado construído em ferro, pintado com cores primárias, possui no mínimo balança, escorregadores, gangorras e trepa-trepa.

variedade de equipamentos e as crianças, independente da idade, não podem usufruir desse espaço no período do recreio, visto que é cercado por grades e tem o portão trancado nesse tempo.

O espaço do *playground* é utilizado pelos alunos da Educação Infantil e do 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental em período determinado, acompanhados sempre de uma professora. Neste período, percebe-se a apropriação dos brinquedos de forma tradicional, exploração de novas brincadeiras e também interação com a areia, na qual a escola disponibiliza brinquedos específicos para tais atividades. Já os alunos da 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, não podem se apropriar de tal espaço, segundo as professoras, pelo fato de que os alunos maiores realizam brincadeiras desafiadoras consideradas perigosas.

Os alunos afirmam que gostariam de brincar neste espaço durante o período de recreio, ressaltando a vontade de se apropriar dos equipamentos de formas diferenciadas enfatizando as desafiadoras, tais como escorregar em pé no escorregador.

Outro fator relatado agora pelas professoras, foi a falta de segurança, proporcionada pela manutenção deficitária dos espaços e equipamentos do *playground*. Segundo Harada et. Al., 2003, existem algumas recomendações de segurança a serem seguidas na construção e na utilização desse espaço, são elas: designar a idade apropriada para uso de cada brinquedo; instalar superfícies apropriadas em baixo e ao redor dos brinquedos; recomendar supervisão adequada para as crianças, enquanto estiverem no parque; e realizar manutenção periódica.

As professoras explicam que o espaço está fechado justamente pela falta de segurança, cujo local é aberto quando existe a possibilidade de uma aula supervisionada, o que significa orientada pelo professor, no qual ele intervém no momento em que julgar inadequada a participação dos alunos. Elas também acreditam na melhoria da estrutura e manutenção do *playground*, colaborando com a maior potencialização da ação lúdica. No entanto, as principais questões problematizadas para a falta de segurança seriam o escorregador muito alto e o terreno perigoso e irregular.

Sendo assim, aponta-se que para desfrutar da liberdade da ação lúdica, é necessário olhar atentamente para as questões de segurança e manutenção, a fim de somar com toda essa expressão do lúdico e não se tornar um fator de inibição dessas práticas divertidas e cada vez mais carentes de espaços e apropriações.

QUADRA ESPORTIVA: O LUGAR DO “JOGO” ENTRE MENINOS E MENINAS!

Ao analisar a única quadra existente na escola foi possível perceber alguns aspectos em relação ao espaço físico: possui área ampla, possibilitando a prática de atividades esportivas pré-determinadas; quanto à estrutura, o piso é de cimento com demarcações específicas de futebol, voleibol e basquete.

Na intervenção pedagógica realizada na escola, oito crianças “salvaram” elementos que estão na quadra, como por exemplo, o desenho de um sol e as traves, conduzindo-nos a pensar que esse espaço não é somente pré-determinado, possui sentido e significado, um lugar de práticas lúdicas diversificadas.

No período de observação, constatou-se na escola, no momento do recreio, um grande número de meninos e apenas uma menina, divididos em dois times, entretidos ao jogo de futebol. Na cancha de areia, alguns meninos brincavam de fazer embaixadas com a bola, enquanto os goleiros em um momento de “folga” dependuravam-se na trave do gol e impulsionam seus corpos em movimentos de balanço. Já o restante das

meninas, ao redor destes espaços, se revelavam amedrontadas com a possibilidade de levarem uma bolada, demonstrando um sentimento de topofobia⁹ tanto em relação ao espaço quanto as práticas nele desenvolvidas durante o período de recreio. Quando os alunos foram questionados sobre a quadra, as meninas de modo geral e alguns meninos, responderam que gostariam de utilizar este espaço para outras práticas esportivas e/ou brincadeiras como pega-pega além do futebol.

Especificamente, o exemplo da única menina jogando futebol entre os meninos no momento do recreio, enquanto as demais estavam amedrontadas em relação à bola, nos chamou a atenção. Essa única menina, apesar de não tocar na bola durante o jogo, não via problema algum nisso, correndo de um lado para o outro do campo com um sorriso no rosto. Percebemos também que ela vestia roupas de um típico vestuário masculino.

Tal aspecto observado quanto à apropriação da quadra, principalmente pelos meninos, e apenas uma menina, nos leva a uma discussão sobre as questões de gênero na escola. Instituições sociais, como a escola, expressam as relações de gênero que as constituem. Segundo Frago (1998), a arquitetura, ao ordenar as ações do espaço escolar, também vai educando os corpos num dado sentido. Nessa direção, a quadra, enquanto lugar do jogo de futebol, impõe uma maneira masculina de apropriação.

Como afirma Daólio, “há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade” (1995, p. 100), o corpo feminino é construído diferente do masculino. Ainda segundo o mesmo autor, enquanto um menino ao nascer já tem uma expectativa de segurança e altivez de um “macho”; por outro lado ao nascer uma menina há um ambiente de delicadeza e cuidado. Tais hábitos corporais podem acabar tornando um sexo mais hábil que outro em termos motores. Seria o que Daólio (1995) considera como a transformação das meninas em “antas”, no sentido de apresentar uma coordenação motora deficitária e uma lentidão nos exercícios físicos.

Segundo o relato dos professores dessa determinada escola, ao levantarmos a questão da apropriação da quadra pelos meninos, e o predomínio do futebol como, praticamente, a única atividade desenvolvida nesse lugar, os mesmos acreditam não ser esse um problema relevante. Em relação à postura das professoras perante as questões de gênero, não se conclui que a perspectiva delas pode ser relacionada a ignorância, visto que as professoras não participam diretamente do período de recreio, ou se apenas possuem uma visão ingênua sobre a situação apresentada. Afirmam apenas que para uma melhor apropriação desse espaço a quadra deveria ser coberta¹⁰, para os eventuais dias de chuva.

Entretanto, para Daólio, uma das funções do professor seria de “[...] respeitar as diferenças entre meninos e meninas e ao mesmo tempo proporcionar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras” (1997, p. 87), e o tempo e espaço de recreio escolar também deveria possibilitar essa equidade.

Nesse sentido, Mascarenhas (2003) ressalta que “uma experiência lúdica e educativa pode possibilitar uma reflexão sobre a realidade e a prática da liberdade”. Portanto, bastaria que os professores apresentassem subsídios aos alunos conduzindo-os

⁹ Dessa maneira, um espaço nas palavras de John Bale (1989) pode gerar topofilia, ou seja sentimento de pertencimento ou em contraposição gerar a topofobia, sentimento de aversão.

¹⁰ Em resposta ao questionamento via e-mail sobre a possibilidade de cobertura da quadra da escola pesquisada, o Gabinete da Secretaria Municipal da Educação informou que a Prefeitura pretende até a final de 2012, cobrir todas as quadras da rede municipal de ensino.

a refletir sobre essa problemática, os estimulados a criarem atividades conjuntas entre meninos e meninas. Oportunizariam dessa maneira um convívio mais harmonioso nesse espaço.

Percebeu-se também que a apropriação das crianças, mesmo sendo de forma espontânea e lúdica, está estritamente ligada às vivências e representações anteriores de cada um, de cada sociedade e cultura, tão marcante, por exemplo, nas diferenças de gêneros. Notou-se ainda que as crianças se sentem desafiadas corporalmente ao se apropriarem do espaço da quadra, possibilitado por meio de diferentes formas de uso da mesma, mas tendo ainda a prática esportiva do futebol como referência. Entretanto, percebe-se o quanto as crianças são criativas e se apropriam destes espaços conseguindo em determinados momentos ultrapassar a funcionalidade que determinado ambiente impõe.

CONCLUSÃO

Segundo Laufer citando Miranda (1996, p.124), destacam-se alguns pontos negativos relacionados a realidade lúdica atual das crianças "... a falta de espaços para brincar, a falta de tempo, enfim, a falta de oportunidades para o brincar. Portanto, a ação fundamental a ser empreendida é resgatar o espaço da brincadeira na vida das crianças. Nesse caso, para Laufer (2001) a escola é um espaço privilegiado para a essa vivência ou sobrevivência do lúdico, pois se constitui como um dos raros ambientes urbanos onde tempo e espaço parecem possibilitar vivências lúdicas cotidianas. Tal realidade é observada nos momentos antes do início das aulas, no recreio, na "saída", no pátio, na quadra, no playground, onde o brincar materializa-se de forma intensa.

Percebeu-se nessa pesquisa que alguns espaços escolares são autênticos lugares de encontros, enquanto outros são ambientes onde as pessoas somente mantêm relações esporádicas e passageiras, os quais Francesc Magrinyá (2008) chama de "espaços fragilizados".

Para que os espaços não se tornem "fragilizados", Puig (2008) propõe que sejam freqüentados por redes sociais coletivas através de práticas esportivas ou lúdicas, as quais favorecem seus usos. Segundo a referida autora "essas práticas geram sentimento de pertencimento a um grupo social distinto, o qual passa a considerar o espaço como sendo "seu".

Portanto, concluímos que os espaços criados retro-alimentam as relações sociais e geram novas relações em um processo contínuo, mas que além dos equipamentos e/ou a estrutura física, são as redes sociais que se estabelecem no interior desses espaços que os tornam lugares representativos na vida dos alunos.

Ressalta-se que investigar o modo de como alunos e professores "enxergam" os espaços, pode ajudar a compreender e potencializar os processos de apropriações. Nesse sentido, Laufer (2001, p. 24) aponta que "...os espaços de lazer precisam ser capazes de atrair a criança por seus aspectos de segurança, forma, cor e ludicidade" além da perspectiva do pertencimento.

Em relação às características na organização dos espaços lúdicos escolares, percebeu-se que possuem uma manutenção deficitária, que limita, na perspectiva dos professores, algumas formas de apropriação em detrimento da segurança, porém questões superadas, de certa forma, pela vontade de brincar dos alunos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002.

DAOLIO, J. A Construção Cultural do Corpo Feminino, Ou o Risco de Transformar Meninas em "Antas". In: ROMERO, E. (org.) Corpo, Mulher e Sociedade. Campinas: Papirus, 1995, v. 01, p. 99-108.

FRAGO, A. V. Do espaço escolar e da escola como lugar: Propostas e Questões. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. (org) Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A., 1989.

HARADA, M.J.C.S.; PEDREIRA, M.L.G.; ANDREOTTI, J.T. Segurança com brinquedos de parques infantis: uma introdução ao problema. REVISTA LATINO AMERICANA ENFERMAGEM, v.11, n.3, p.383-386, maio/jun. 2003.

HUZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAUFER, A. M. Recomendações para projetos de brinquedos de recreação e lazer existentes em playgrounds adaptados a criança com paralisia cerebral. Dissertação (Mestrado em Engenharia da produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MASCARENHAS, F. Lazer como prática de liberdade: uma proposta educativa para a juventude. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

PUIG, N.; MAZA, G. (Coords.). El deporte en los espacios públicos urbanos. Monográfico de Apunts. Educación Física y deportes (91), 2008.

MAGRINYÁ, F.; PUIG, N. Las redes sociales deportivas en espacios públicos de Barcelona: cifras y tendencias. Monográfico Apunts. Educación Física y deportes (91), 2008.

SANTIN, S. Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 3ª ed. Edições EST. Porto Alegre: 2001.

STEINBERG, S. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H et al (Org.). Identidade social e a construção do conhecimento. Porto Alegre. PMPA. 1997. p. 98-145.

Aline Tschoke
Rua Maurício Nunes garcia, 280. Apto 509.
Jardim Botânico. Curitiba-PR

CEP 80210150

aline_tschoke@yahoo.com.br

Recurso necessário: Datashown

Aline Tschöke

Mestranda do curso de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Lorena Lourdes Paoloni

Licencianda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Mariana Maranhão

Licencianda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Pedro Vinícius Brauza Ramos

Licenciando do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Rafael Gonçalves da Luz

Licenciando do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Simone Rechia

Professora Doutora do Curso de Educação Física da UFPR, e do Programa de pós-graduação em Educação física da UFPR.

Talita Stresser de Assis

Licencianda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Thais Gomes Tardivo

Licencianda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Vanessa Mathias Friedrichsen

Licencianda do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.